www.revistaft.com.br

Revista FT | ISSN 1678-0817 | v. 30, n. 164, 2026 | DOI: 10.69849/8z4x7n94

A contribuição da leitura literária para a abordagem de temas complexos da atualidade: A Bolsa Amarela (sobre a condição feminina) e O Menino do Dedo Verde (sobre a guerra e o meio ambiente)

The contribution of literary reading to addressing complex contemporary issues: A Bolsa Amarela (on the condition of women) and O Menino do Dedo Verde (on war and the environment)

Maria Sandy Araújo Martins[1]
Luama Sócio[2]

Resumo

A literatura ocupa um lugar central na humanidade, não apenas pelas palavras em si, mas pela significação que elas representam na realidade da existência. Essa significação sobre a realidade, estão descritas nas obras "A Bolsa Amarela" e "O Menino do Dedo Verde". Para isso, o trabalho buscou descrever como essas duas obras são essenciais, para a compreensão de temas complexos da atualidade, como, a condição feminina na sociedade e, guerra e o meio ambiente, tendo como de partida duas crianças a menina Raquel e o menino Tistu, ela a representação do gênero feminino, ele o das escolhas entre a natureza e o chumbo das armas. A questão problema se concentra na seguinte pergunta: De que forma as obras A Bolsa Amarela e O Menino do Dedo Verde, podem contribuir para o processo da leitura literária, para que o indivíduo possa compreender temas complexos da atualidade? Os objetivos específicos: compreender o ler e a sua relação com a leitura literária; analisar as obras A Bolsa Amarela e O Menino do Dedo Verde, e sua relação com temas complexos da atualidade; analisar os livros o menino do dedo verde e a bolsa amarela e, suas relações para compreender os temas: a condição feminina na sociedade, a guerra e o meio ambiente. A metodologia é de pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, embasada nos autores: Cândido (2006), Freire (1996), Pacheco (2012), Silveira (2017), documentos como a BNCC, dentre outros.

Palavras-Chaves: Leitura. Literária. Feminina. Guerra. Natureza.

[1]Universidade Estadual do Tocantins – Araguatins – Tocantins – Brasil

[2] Universidade Estadual do Tocantins – Araguatins – Tocantins – Brasil. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1837-2166

Abstract

Literature holds a central place in humanity—not merely for the words themselves, but for the meaning they embody within the reality of existence. This significance regarding reality is explored in the works A Bolsa Amarela (The Yellow Bag) and O Menino do Dedo Verde (The Boy with the Green Thumb). This study seeks to demonstrate how these two works are essential for understanding complex contemporary issues—such as the status of women in society, war, and the environment—through the perspectives of two children: Raquel, who represents the female gender, and Tistu, who embodies the choice between nature and the lead of weaponry. The central research question is: In what ways can A Bolsa Amarela and O Menino do Dedo Verde contribute to the process of literary reading, enabling individuals to grasp complex contemporary themes? The specific objectives are: to understand the act of reading and its relationship to literary engagement; to analyze A Bolsa Amarela* and O Menino do Dedo Verde in the context of complex modern-day issues; and to examine how these books facilitate an understanding of topics such as the status of women in society, war, and the environment. The methodology consists of qualitative, bibliographic research, drawing upon the work of authors such as Cândido (2006), Freire (1996), Pacheco (2012), and Silveira (2017), as well as official documents like the BNCC (National Common Curricular Base), among others.

Keywords: Reading. Literary. Feminine. War. Nature

1 Introdução

A literatura não é apenas um livro físico ou virtual em que há muitas palavras escritas e que os personagens tem uma função dentro da obra, vai muito além disso, a função da literatura é inspirar o indivíduo a pensar, a refletir sobre si mesmo e sobre a sociedade em que vive, a fim de, fazer com que o homem possa transpor as barreiras do simplismo e ser um ser pensante.

A pesquisa tem como questão problema a seguinte pergunta: De que forma as obras *A Bolsa Amarela* (1993) de Lygia Bojunga e *O Menino do Dedo Verde* (1989) de Maurice Druon, podem contribuir para o processo da leitura literária, para que o indivíduo possa compreender temas complexos da atualidade?

A escolha desta problemática, se deu durante o processo do PIBID, em que muitos alunos tinham dificuldade de compreender e discutir sobre problemas complexos da atualidade, surgindo daí a ideia do tema, envolvendo leitura literária com a análise das obras *A Bolsa Amarela* (1993) Bojunga e *O Menino do Dedo Verde* (1989) Druon.

Assim, o trabalho tem como objetivo geral: Analisar as obras, *A Bolsa Amarela* (1993) e *O Menino do Dedo Verde* (1989), e de que forma elas podem contribuir para a compreensão de temas complexos por meio da leitura literária. Já os objetivos específicos: compreender o ler e a sua relação com a leitura literária; analisar as obras *A Bolsa Amarela* (1993) de Lygia Bujonga e *O Menino do Dedo Verde* (1989) de Maurice Druon, e sua relação com temas complexos da

atualidade; analisar os livros *O Menino do Dedo Verde* (1989) e *A Bolsa Amarela* (1993) e, suas relações para compreender os temas: a condição feminina na sociedade, a guerra e o meio ambiente.

Para responder à questão problema, e descrever sobre as ideias abordadas na pesquisa, foram utilizadas como metodologia a abordagem qualitativa e, no procedimento de coleta de dados, a pesquisa será bibliográfica, com base em livros, artigos científicos, sites especializados, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), dentre outros.

O artigo inicia no capítulo dois abordando sobre a importância do ato de ler, descrevendo que este ato não é apenas soletrar palavras, mas compreender por meio da leitura literária o que cada frase tem a dizer nas entrelinhas da escrita. Já o típico 2.1, trata da literatura como uma palavra que tem vida, e que essa vida tem sentido e traz significação à vida do leitor. Já o subtópico 2.2, destaca sobre a leitura literária, e como ela pode ajudar o leitor na compreensão de temas complexos, ajudando-o, não somente a ler, mas compreender o que se lê de forma crítica, transcendendo a letra simples e seca.

Já o capítulo três, traz uma abordagem sobre a condição feminina, a partir da obra *A Bolsa Amarela* (1993), analisando sobre o livro e sua ligação com a atualidade, já o subtópico 3.1 trata da menina Raquel e de sua condição como criança, porém, com reflexos de uma vida adulta e vontade de ser livre, expressos na vontade de se tornar menino e de ser escritora. O tópico 3.2, busca compreender a percepção dos alunos e sua visão em relação à obra *A Bolsa Amarela* (1993).

O tópico 3.3 fala sobre a guerra e o meio ambiente, partindo da obra *O Menino do Dedo Verde* (1989), e a relação desta com esses dois temas tão atuais aos nossos dias.

O subtópico 3.4 analisa, a partir das escolhas do menino Tistu a guerra e o verde, e de como a partir de uma reflexão da obra podemos fazer escolhas que beneficiem ou não a humanidade e o seu futuro. O subtópico 3.5 analisa as experiências e as percepções dos discentes sobre a obra *O Menino do Dedo Verde* (1989) e de como eles analisam o que o livro fala sobre a realidade sobre guerra e meio ambiente.

Por fim, o artigo destaca a análise de dados da pesquisa, em que as duas obras *A Bolsa Amarela* (1993) e *O Menino do Dedo Verde* (1989), são comparadas, e de que forma, os dois livros dentro de seus contextos e seus personagens, trazem exemplos em suas histórias e

atuações, que refletem e descrevem muito bem a nossa realidade, principalmente sobre temas que envolvem sobre a condição feminina na sociedade e, acerca das guerras e o meio ambiente.

Para a realização deste estudo, foram utilizados vários autores, Cândido (2006), Freire (1996), Pacheco (2012), Silveira (2017), documentos como a BNCC, dentre outros. Assim, a exploração dos livros, *A Bolsa Amarela* (1993) e *O Menino do Dedo Verde* (1989), visa contribuir com a construção crítica de leitores, que possam enxergar o mundo além do tradicionalismo, construindo assim uma sociedade mais justa e pensadora.

Revisão da Literatura

2 O ATO DE LER: SOLETRAR PALAVRAS OU INTERPRETAR O SENTIDO E A VIDA DELAS?

Antes de entrarmos em contato com as palavras, mesmo antes de aprendermos a ler, ou seja, sermos alfabetizados, a nossa leitura se inicia pelos olhos, pelos olhos vemos os homens, vislumbramos as cores, sabemos o caminho para onde seguir, e o destinatário para onde pretendemos aportar, o primeiro ato de ler de nós como ser e humano é o ver.

A partir daí vamos crescendo, começamos a frequentar lugares mais formais que não é o nosso lar, um deles é a escola, nessa instituição aprendemos a ler e a escrever, brincamos, jogamos e aprendemos por meio da ludicidade. Desde a infância, a escola por meio do ler, nos ensina uma comunicação, um código social, como bem afirma Wajskop (2001, p. 25) “A criança desenvolve-se pela experiência social, nas interações que estabelece, desde cedo, com a experiência sócio-histórica dos adultos e do mundo por eles criado.” O ler é um ato social, uma experiência humana e histórica.

Ler é muito além, e infinitamente mais profundo, que apenas ver letras e palavras juntas e saber que existe uma frase pronta, ler é um ato de sentir cada palavra e interpretar o sentido e a vida delas em cada frase, Freire (1989, p. 9) destaca “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.” Isso significa dizer que, cada letra, cada palavra, tem vida em si e traz algum recado para a existência do ser humano.

Ler é um ato político, de amor, de indignação, de informação do que se quer saber o que acontece no mundo, para ler é preciso que algo esteja escrito, como bem afirma Lispector (1999, p. 134) “Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição que salva.” O ler e o escrever pode ser tudo, menos um ato neutro, é buscar compreender os temas complexos do mundo.

A leitura em si, ela traz em nós, e possui a capacidade de nos fazer despertar de dentro para fora, e isso acontece no velho, no adulto, na criança, no adolescente, em qualquer um que se dispõe a abrir as páginas de um livro, Freire (1989, p. 11) destaca com clareza essa ideia quando diz “Na medida, porém, em que me fui tomando íntimo do meu mundo, em que melhor percebia e o entendia na "leitura" que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo.” Ler é um ato de libertação, porque quando abrimos o livro passamos a ter contatos com outras ideias, e essas ideias novas nos faz abrir a mente, e isso faz com que os nossos temores diminuam, sabendo que não estamos andando sozinhos.

2.1 “Penso, logo existo”: palavra e literatura como vida

Em uma sociedade amplamente tecnológica, que a notícia é instantânea, tudo se resolve por uma mensagem de WhatsApp, a comida é rápida, via fast food, em que o indivíduo nem precisa levantar do sofá para comprar o alimento, um simples click compra dezenas de coisas em sites da internet, a tecnologia facilitou as nossas vidas, e ao mesmo tempo nos influencia a ficar no comodismo.

Comodismo esse, que em vez de lermos um livro, nos contentamos com um resumo da obra, ficamos preguiçosos com uma miríade de informações, achamos que sabemos tudo, porque temos um tablet ou um smartphone na palma das mãos, mas ao mesmo tempo sabemos muito pouco, porque em vez de mergulharmos na profundidade do saber, nos contentamos com a superficialidade do conhecimento.

Quem não se aprofunda no conhecimento é dominado pelos que detêm o poder, para discernir e compreender a realidade é necessário entender o poder da palavra, isso passa por vários processos, mas o principal deles são palavra e literatura, dentro desse contexto podemos citar aqui a célebre frase de Descartes (2007, p. 41) “Penso, logo existo”. A frase do filósofo diz bem sobre o saber.

Para pensar o indivíduo precisa ver, enxergar o mundo em que vive, pensar sobre os fatos, refletir sobre a realidade deles, a partir daí o homem passa a discernir a sua existência, pois, o pensar para existir, passa pelo caminho da palavra e essa palavra constrói a literatura.

A Academia Goianiense de Letras (2026, p. 1) define bem sobre a construção da palavra e a leitura literária:

> A leitura literária ultrapassa o simples contato com textos escritos. Ela desenvolve a sensibilidade, fortalece a imaginação, estimula o pensamento crítico e amplia a compreensão da condição humana. Ao aproximar o leitor de diferentes épocas, culturas e experiências, a literatura promove o diálogo entre gerações e contribui para a formação de uma sociedade mais consciente, mais criativa e mais aberta à diversidade.

Um livro pode ter uma data temporal de publicação, as unidades podem ter esgotado, mas mesmo assim o livro pode tornar-se um clássico, ultrapassar o tempo e alcançar gerações diferentes, é a promoção de um diálogo entre diferentes gerações.

Ler é acima de tudo pensar, e quando se pensa passa-se a existir, por isso a palavra e a literatura são vidas, porque é através da leitura, que se ultrapassa a simples letra e alcança-se o sentido dela, assim o homem passa a ter uma imaginação mais aguçada, uma sensibilidade mais aflorada e, um aprofundamento do espírito crítico sobre a compreensão da condição do ser humano.

2.2 Leitura literária: a contribuição para a abordagem sobre temas complexos da atualidade

No ano de 1981, o patrono da educação brasileira Paulo Freire publicou o livro “A importância do ato de ler”. O nome da obra por si já é instigador, poderia ser qualquer tipo de ato, o de pegar em armas, o de matar, o de xingar, dentre outros, mas o ato é o de ler.

Paulo Freire tinha consciência que ato é uma escolha, uma vontade, uma ação. Existem atos que morrem rápido, que duram pouco, que podem até ter algum tipo de efeito, mas logo se desvanecem. Diferente do ato da leitura, que às vezes pode ser lento, vagaroso, mas é como chuva mansa que vai penetrando as raízes da planta e criando vida no solo.

Soares, Clemente e Pontes (2024) tocam em um assunto importante quando afirmam que a leitura, o ler é um ato para humanizar, ou seja, a leitura é um processo que desprende o homem das suas amarras, das suas prisões mentais e espirituais, porque ler é avançar e ir além do óbvio, é

descobrir que existem outros mundos e opiniões que pensam diferentes das nossas visões de mundo.

> [...] a leitura é um processo complexo que envolve a decodificação do código escrito, a compreensão do texto e a compressão de mundo e que a literatura é um texto carregado de significado, que permite o desenvolvimento da linguagem, da criatividade, da sensibilidade, das emoções e da criticidade, percebemos a relevância em desvendar o processo de leitura, no contexto da educação literária e como essa prática contribui para a construção social do sujeito. (Soares, Clemente e Pontes, 2024, p. 188)

Para que possa haver por meio da leitura, essa compreensão de mundo, a leitura literária é um passo e um fator importante, para o desenvolvimento, sensibilidade, emoções e criatividade do leitor, ajudando desta forma na sua construção como cidadão e pessoa humana.

Neste contexto, Candido (2006) trata a leitura literária como um direito humano, direito à literatura, ou como bem descrevem Soares, Clemente e Pontes (2024) um direito cultural. Ou seja, a leitura literária é muito mais e além de apenas um simples livro aberto, mas um processo que envolve a compreensão da queda de muitas barreiras, que muitas vezes limitam a dimensão e constituição cultural da pessoa do leitor como sujeito.

Candido (2006) analisa que, dentro dessa dimensão cultural da pessoa do leitor como sujeito, há uma construção social que promove a estrutura da desigualdade, e isso pode envolver vários tipos de discrepâncias sociais como racismo, intolerância religiosa, homofobia, dentre outros.

Por isso a importância da leitura literária, porque ajuda o indivíduo a desenvolver e articular um pensamento que ultrapassa o comum, e o óbvio da superficialidade social, ajudando assim, no ampliamento dos horizontes e esperança de mudanças. A leitura literária, proporciona ao leitor, não somente o contato com a letra, mas da vida que esta pode proporcionar ao que se debruça diante das páginas do livro, através de uma experiência humanizada e estética, ajudando o leitor a compreender a si mesmo e as complexidades dos problemas da atualidade.

3 SOBRE A CONDIÇÃO FEMININA: A BOLSA AMARELA

No mundo das letras, cada palavra tem um significado, uma interpretação, um lugar no mundo, para uma pessoa de mente comum, o significado da palavra existência é apenas nascer, comer, vender, comprar e ir ao shopping, entretanto, para um filósofo, a existência é algo muito

mais amplo, mais profundo, sendo o significado de tudo com perguntas profundas como de onde viemos, o que estamos fazendo aqui, e qual o porquê de tudo.

Nesse mundo dos significados, uma palavra é superficial para uns, e ao mesmo tempo tem uma significação profunda para outras, um exemplo disso é uma bolsa simples e de cor amarela de uma menina chamada Raquel, bolsa essa em que a garota recebeu de sua tia Brunilda.

Para uns a bolsa é apenas um aparato comum que se guarda quaisquer coisas, e quando pertence a uma mulher abriga maquiagem, batom, celular, os apetrechos e acessórios para o cuidado da beleza feminina, porém, para a menina Raquel, a bolsa tinha um significado profundo, não apenas existencialista daquilo que se pode pegar, apalpar, mas da própria existência, daquilo que é sentido no sentido de ser.

A bolsa amarela é, algo feminino, intrínseco da mulher, mesmo sendo uma garota, Raquel tem sentimentos de mulher no sentido da liberdade, do existir, no ser, e a bolsa, muito mais que apenas um simples acessório funcional, passa a ser aquela que carrega para a menina os sentidos da sua vida e os desejos que ela tem de ser livre.

Marinho (2025, p. 67)

> Raquel tem muitos traços dessa identidade fragmentada e inacabada, uma vez que guarda seus desejos e vontades em sua bolsa amarela, vivendo e criando, por meio das histórias e personagens que mesclam realidade e fantasia, indivíduos que transitam em diversas identidades, diversos eus.

Mesmo sendo uma menina de 10 anos, Raquel é uma figura de mulher, porque para ser mulher, não é necessário alcançar uma certa idade e obedecer a certos padrões, e sim se compreender como tal dentro de uma sociedade, e mesmo na condição de criança ela compreendeu isso.

Assim, vamos tentar compreender um pouco sobre a condição feminina dentro da sociedade a partir de Raquel, como exemplo e seus desejos no próximo tópico.

3.1 Infância e vontade de crescer: um desejo de se tornar menino e vontade de ser escritora

Entender uma história, é buscar compreender os significados que estão por trás dela. O livro *A Bolsa Amarela* (1993) de Lygia Bojunga, não é apenas uma história de pequenos capítulos, que conta desejos simplistas de uma simples menina com apenas uma década de vida,

mas uma representação real da figura feminina, tanto do momento em que a obra foi escrita, quanto do tempo em que estamos vivendo.

É necessário sabermos que a obra *A Bolsa Amarela* (1993) de Lygia Bojunga, foi escrita tendo sua primeira edição em 1976 no Brasil, período em que o país passava por um processo de Ditadura Militar (1964-1985)[3], pois o livro configura o desejo e liberdade da figura feminina, não apenas como mulher, mas como ser e humana, representada na menina Raquel.

Observe a cena em que Bojunga (1993, p. 12) relata:

> Meu irmão chegou em casa com um embrulho. Gritou da porta:
> - Pacote da tia Brunilda!
> Todo o mundo correu, minha irmã falou:
> - Olha como vem coisa.
> Rebentaram o barbante, rasgaram o papel, tudo se espalhou na mesa. Aí foi aquela confusão:
> - O vestido vermelho é meu.
> - Ih, que colar bacana! vai combinar com o meu suéter.
> - Vê se veio alguma camisa do tio Júlio pra mim.
> - Que sapato alinhado, tá com jeito de ser meu número.
> Eu fico boba de ver como a tia Brunilda compra roupa. Compra e enjoa. Enjoa tudo: vestido, bolsa, sapato, blusa. Usa três, quatro vezes e pronto: enjoa. Outro dia eu perguntei:
> - Se ela enjoa tão depressa, pra que que ela compra tanto? É pra poder enjoar mais?

Enjoa rápido, compra em demasia, tudo isso é pra enjoar mais? Aí já se começa a perceber como Raquel pensa diferente, fora da caixa. E dentro deste contexto Raquel recebe a bolsa como seu presente da tia.

A bolsa de Raquel recebe não aparatos femininos que cuidam da aparência exterior, mas a bolsa tem um sentido muito mais profundo, nela não se guarda apenas, mas se esconde, os desejos de uma menina, que tem vontade de crescer e de ter a sua liberdade.

Éboli (2008, p. 2) destaca:

> A aventura de Raquel em busca de si mesma inicia quando ela percebe que possui três grandes vontades que não param de aumentar. Tanto a vontade de crescer como a de escrever ou de ser garoto surgem em momentos variados e tomam conta da menina.

[3] Ver sobre a Ditadura Militar no Brasil, período em que os militares governaram o Brasil durante um período de 21 anos, de 1964 a 1985. Durante esse espaço de tempo, houve perseguição de opositores do regime e extinção das liberdades políticas e jornalísticas dentre outras aos que eram contrários ao estilo de governo. Para mais informações ver o livro: O golpe de 1964: heranças e reflexões de Rafaella Bettamio (org.). Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2024.

Isso nos faz perceber vários aspectos sobre a menina, entretanto dois deles, nos fazem compreender bem sobre a vida de Raquel, a vontade de ser menino e o desejo de se tornar escritora. Aparentemente, parecem duas vontades simplistas demais, coisas da mente de uma criança, porém não o são.

Imagine uma mulher adulta em 1976, ano em que o livro de Lygia Bojunga A *Bolsa Amarela* (1993) foi escrita, se hoje as mulheres ainda buscam ter direitos ou até mesmo tê-los de forma igual, nesta época era ainda mais difícil, agora pense você, uma criança menina vendo uma mulher já adulta sofrendo, o que essa pequenina irá imaginar do seu futuro? Isso é o que Raquel enxergava, e de forma bem profunda como válvula de escape ela não apenas falava, mas gemia na sua alma dizendo, que tinha vontade de ser menino e desejo de se tornar escritora.

Desejo de se tornar menino? Sim. Isso se aflora em Raquel porque o que ela via ao seu redor era simplesmente uma sociedade amplamente machista, em que o gênero feminino era pouco representado e sem espaço em posições importantes no campo social, então o que ela via era apenas patriarcalismo em todas as direções, e se fosse menino seria mais bem aceita em uma sociedade machista.

Bernadete (2024, p. 1) fala de três pontos importantes sobre Raquel, e que também representa o desejo do gênero feminino e sua condição na sociedade.

> Identidade: A busca por identidade é o tema central da obra. Raquel questiona seu gênero, sua sexualidade e seu lugar no mundo.
> Fantasia e realidade: A obra transita entre o real e o imaginário, mostrando como a fantasia pode ser uma forma de lidar com os desafios da vida.
> Crescimento: A narrativa acompanha o processo de crescimento de Raquel, com suas alegrias, dúvidas e angústias.
> Liberdade: A bolsa amarela representa a liberdade de ser quem se é, sem se prender aos padrões sociais.

Tanto antes quanto agora a mulher precisa de liberdade, de ser quem ela é, inclusive a menina, a criança; identidade, a mulher precisa se encontrar no mundo, ocupando seu espaço; crescimento, a mulher necessita mesmo na angústias e risos evoluir; fantasia e realidade, a menina mesmo quando criança cria seu mundo de fantasias, no sentido de enfrentar os desafios da vida.

Tudo isso que falamos se emaranha com o desejo de ser escritora, que combinado com uma sociedade cheia de regras patriarcais, e pela voz de imposição à Raquel pelos adultos no

ambiente familiar, faz com que a literatura seja uma válvula de escape, uma forma de expressão para tirar de si o peso de não ser escutada e o silêncio que lhe era imposta.

Oliveira e Caetano (2017, p. 33) falam sobre o desejo de ser escritora:

> Essa é, sem dúvidas, a vontade de maior importância no enredo, a vontade "gorda", como ela mesma chama, pois é a partir dela que a obra ganha vida. Raquel é uma menina que adora criar estórias, pessoas, animais, entre outros seres imaginários. A imaginação é algo indispensável para a vida de Raquel, pois é por meio da fantasia que Raquel recria seu mundo. No caso da escrita, ela descobre um jeito de poder imaginar e inventar livremente sem ninguém atrapalhar.

Escrever por escrever não era o que Raquel fazia, ela se expressava por meio das palavras no papel, porque mesmo sabendo que a sua voz de criança era silenciada, por meio da escrita a menina estava livre, fazendo sua imaginação voar e proporcionando total liberdade ao seu espírito por meio da escrita.

Bojunga (1993, p. 46) reflete bem sobre esse processo da escrita:

> Enquanto eu escrevia a "História de um Galo de Briga e de um Carretel de Linha Forte", a vontade de escrever andou tão magrinha que já não pesava quase nada. Que alívio. Acabei até mudando de idéia: resolvi que se eu queria escrever qualquer coisa eu devia escrever e pronto. Carta, romancinho, telegrama, o que me dava na cabeça. Queriam rir de mim? Paciência. Melhor rirem de mim do que carregar aquele peso dentro da bolsa amarela.

Observe que, por meio da escrita Raquel se sente livre, liberta, para se expressar, como pensa, tanto como mulher quanto como criança quando diz, que é melhor rirem dela do que poder carregar aquele peso dentro da bolsa amarela.

Cada palavra da menina, suas formas de expressar-se pela escrita são os seus desejos reprimidos não apenas como criança, mas como mulher, por isso Raquel é, uma representação do gênero feminino e sua condição na sociedade, que precisa muitas vezes de algum meio para fazer a sua voz ecoar na sociedade, para dizer que existe, e que não é um ser excluído.

3.2 Relato de experiência: A Bolsa Amarela

A partir dessa perspectiva, foi realizada uma atividade de leitura, no dia 8 de abril a aula foi desenvolvida com a turma do 7º ano do Ensino Fundamental II, com duração de 50 minutos, tendo como principal objetivo promover a leitura literária da obra *A Bolsa Amarela* (1993), de

Lygia Bojunga, estimulando a imaginação, a interpretação textual e a reflexão crítica dos estudantes sobre os desejos, os sentimentos, a identidade, a liberdade e a condição feminina na sociedade.

Inicialmente, foi apresentada a obra *A Bolsa Amarela* (1993), de Lygia Bojunga. Nesse primeiro momento, foi mostrada a capa do livro e foram apresentadas algumas informações sobre a autora, com o intuito de despertar a curiosidade e o interesse dos alunos pela leitura. Em seguida, foram levantadas algumas questões para estimular a participação da turma, como: o que imaginavam que poderia existir dentro de uma bolsa amarela; o que guardariam em uma bolsa destinada a armazenar seus desejos e sentimentos; e se todas as pessoas tinham liberdade para expressar aquilo que desejavam. A partir das respostas, foi realizada uma breve conversa, relacionando as ideias apresentadas pelos estudantes à história da personagem Raquel.

Posteriormente, foi realizada a leitura compartilhada de um trecho selecionado da obra, por meio do qual os alunos conheceram a personagem Raquel e seus três principais desejos: a vontade de crescer, de ter nascido menino e de se tornar escritora. Durante a leitura, foram feitas algumas pausas para explicar determinadas palavras, esclarecer situações da narrativa e estimular a participação dos estudantes. Os alunos acompanharam a leitura por meio de materiais impressos.

Após esse momento, foi promovida uma roda de conversa e interpretação, na qual foram discutidos os principais acontecimentos da narrativa e os sentimentos vivenciados pela protagonista. Para conduzir a discussão, foram levantadas questões sobre os motivos que levavam Raquel a esconder seus desejos, por que ela gostaria de ter nascido menino e o que esses sentimentos revelavam sobre a maneira como a sociedade tratava meninas e mulheres. Também foi discutida a importância de as crianças terem liberdade para expressar suas vontades, opiniões e sentimentos. Nesse contexto, a discussão possibilitou uma reflexão sobre a condição feminina e sobre como determinadas expectativas sociais podem limitar os desejos, as escolhas e a liberdade das mulheres.

Em seguida, foi proposta uma atividade escrita de interpretação e reflexão, composta por cinco questões relacionadas à narrativa. Os estudantes foram convidados a identificar quem era Raquel e quais eram seus principais desejos, explicar por que a personagem sentia necessidade de escondê-los e estabelecer uma relação entre sua vontade de ser menino e a condição feminina na sociedade. Além disso, refletiram sobre a importância de respeitar os desejos, os sentimentos e as

escolhas das pessoas. Por fim, foram incentivados a imaginar o que guardariam em uma bolsa amarela, caso tivessem uma, justificando suas respostas.

Para o desenvolvimento da aula, foram utilizados materiais impressos, slides com imagens e informações sobre a obra, quadro, pincel, caderno e lápis. A avaliação ocorreu de maneira contínua, considerando a participação dos estudantes durante a leitura compartilhada, o envolvimento na roda de conversa, a capacidade de interpretação e reflexão sobre a narrativa e o desenvolvimento das respostas na atividade escrita.

Com a realização da aula, buscou-se proporcionar aos estudantes uma experiência significativa de leitura literária, permitindo que compreendessem os conflitos vivenciados pela personagem Raquel e reconhecessem a literatura como um espaço de reflexão sobre questões sociais, culturais e individuais. Além da compreensão da narrativa, a proposta procurou estimular o pensamento crítico, o respeito às diferenças, a liberdade de expressão e a autonomia dos indivíduos, aproximando a literatura da realidade dos alunos.

3.3 Sobre a guerra e o meio ambiente: o menino do dedo verde

Não sabemos o dia, mas a criança da obra *O Menino do Dedo Verde* (1989) de Maurice Druon que chamamos de Tistu se chamava na realidade João Batista, o porquê do nome do profeta bíblico não sabemos, mas a função que este exerceu durante seu ministério conhecemos bem, que foi o de protestar contra o sistema religioso, a hipocrisia e a violência social, não apenas a violência física, mas das condições sociais do povo judeu.

Seria, portanto, o menino Tistu um profeta? Isso não podemos afirmar, mas que tinha uma função social, isso é indiscutível, pois o que ele fazia de forma mágica com o dedo era uma forma de protesto, principalmente uma forma de criticar a fábrica de canhões de seu pai. Conhecer Tistu, o menino do dedo mágico, é reconhecer e ter um reflexo do autor da obra, o escritor francês Maurice Druon, para isso Couto (2011, p. 1) nos relata:

> [...] passou a sua infância na Normandia e fez os seus estudos secundários no Liceu Michelet. Laureado do Concurso geral (1936), começou a publicar, à idade de 18 anos, nas revistas e jornais literários e ao mesmo tempo era aluno de Ciências Políticas (1937-1939). Durante a Segunda Guerra Mundial combateu no interior da França até o momento do Armistício (1941). Ingressou então nas forças da Resistência, deixando a França em 1942, atravessando clandestinamente a Espanha e Portugal para ingressar nas

> fileiras dos serviços de informações da chamada "França Livre", em Londres, trabalhando com De Gaulle.

A formação de Druon em Ciências Políticas e a sua capacidade única de se expressar por meio da escrita, permitiram com que o escritor francês, pudesse descrever um sentimento que não fica preso apenas ao ano de 1957 no pós-guerra[4], mas que atravessa gerações, em que práticas e ideias erradas ainda se repetem, como guerras e destruição do meio ambiente.

São sobre essas duas ideias, que iremos falar um pouco na próxima seção, buscando analisar sobre a guerra e o verde, natureza e vida, cinza, fumaça e falta de colorido.

3.4 Guerra e o verde, natureza e vida, cinza, fumaça e falta de colorido

Maurice Druon, escreveu *O Menino do Dedo Verde* em 1957 sendo a primeira edição do livro nesse mesmo ano, doze anos após o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Couto (2011) descreve que, Druon foi um participante direto da grande guerra, que durou longos sete anos sangrentos. Enquanto o menino do dedo verde fazia as suas transformações para o bem, fazendo pelo seu polegar, com que germinasse plantas e flores de mágica, Maurice Droun viu o oposto na guerra, florestas serem devastadas e jardins com flores serem destruídos.

A obra, escrita doze anos após a 2ª Guerra Mundial, traz em si vários recados importantes para nossa temporalidade, tanto pós-guerra, quanto do momento em que estamos vivendo. Assim, devemos observar que, Tistu é um menino de família rica, com seu pai sendo o dono de uma fábrica de canhões na cidade de Mirapólvora.

Figueiredo e Queiroz (2011, p. 5) falam:

> O Menino do Dedo Verde" narra a história de um garoto chamado Tistu, que vive em uma cidade chamada Mirapólvora em sua grande casa, a Casa-que-Brilha, com o Sr. Papai, Dona Mamãe e o seu querido pônei Ginástico. O Senhor Papai tem uma fábrica de canhões, eles têm bastante dinheiro, eis o motivo do nome da cidade, além do nome da casa. O menino Tistu é feliz e bondoso, porém, para grande decepção de todos ele dorme nas aulas. E por não conseguir manter-se acordado durantes as aulas monótonas do colégio em que estuda, acaba sendo expulso do mesmo.

[4] O livro "O menino do dedo verde", foi escrito no ano de 1957, doze anos após o término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), considerando, assim pós-guerra.

Observe que, foi a partir do momento em que ele dorme durante as aulas que, Tistu acaba sendo expulso do colégio, por mais que este possa ser um evento negativo, é a porta de entrada para que os grandes acontecimentos na vida do garoto venham a ocorrer.

Por mais que a família de Tistu fosse rica, ele passa a estudar de uma forma diferente e longe do tradicionalismo da escola, tendo dois mentores, um o Senhor dos Trovões que era o gerente de seu pai na fábrica de canhões e o outro, o Senhor Bigode, o jardineiro da família.

Figueiredo e Queiroz (2011) destacam que, fora da escola, e dentro de uma realidade concreta, Tistu se depara com dois mundos e dois tipos de ensinos para a vida, uma é o do Senhor dos Trovões: disciplina, ordem através das experiências da fábrica; o outro, o Senhor Bigode: plantas, natureza e a importância de se trabalhar com a terra.

Dentro das duas realidades e com a visão dos dois mundos, Tistu, era inteligente e aprendeu a lição dos dois lados, com a fábrica e o jardim.

Em relação à fábrica, Druon (1989, p. 48) relata:

> [...] Tistu tem uma aula de geografia, seguida de uma de fábrica, e no qual o conflito entre os Voulás e os Vaitimboras se estende de modo imprevisto. O Sr. Trovões estava sentado atrás de sua mesa. Recuperara a voz de trombone e trovejava em três telefones ao mesmo tempo. O Sr. Trovões, via-se logo, estava ocupadíssimo. — É sempre assim quando estoura a guerra em algum ponto do mundo — disse a Tistu. — Em Mira-pólvora temos o dobro do trabalho.

Já sobre o jardim, Druon (1989, p. 46) destaca:

> — Senhor Bigode, será que não venho incomodá-lo? — perguntou ao jardineiro, que podava a grama.
> Bigode largou a tesoura.
> — Absolutamente, meu filho.
> — Sr. Bigode, o que é que o senhor pensa da guerra?
> O jardineiro fez uma cara espantada.
> — Sou contra! — respondeu ele, alisando os bigodes.
> — Por que é que o senhor é contra?
> — Porque... porque uma guerrinha à-toa pode aniquilar um grande jardim.
> — Aniquilar? Que quer dizer aniquilar?
> — Quer dizer destruir, suprimir, reduzir a pó...
> — Será possível? E o senhor já viu — prosseguiu Tistu — já viu com seus olhos jardins aniquilados pela guerra?
> Ele mal podia acreditar. Mas o jardineiro não estava brincando. Tinha baixado a cabeça, franzido as sobrancelhas e retorcia o bigode entre os dedos.

Aqui temos um ponto crucial na análise do nosso estudo, que envolve dois assuntos importantes que são, a guerra e o meio ambiente. A guerra é representada pela angústia, a

destruição, a morte o toque intenso da sirene na fábrica do pai do menino, já o meio ambiente é descrito pelos jardins cuidados e descritos pelo Senhor Bigode, sinalizando para a paz, o ar puro, a natureza, e a harmonia entre os homens.

Dois tutores, duas realidades, guerra e jardim, natureza e vida, cinza e fumaça, um homem dono de tudo e pai de Tistu, e Tistu no meio de tudo isso.

Analisemos a fala de Silveira (2017, p. 4):

> A belíssima obra "O Menino do Dedo Verde", de Maurice Druon (2004), publicada pela primeira vez em 1957, desperta e resgata sentimentos nobres acerca da vida de forma poética. De cunho social e filosófico, a obra preocupa-se em transmitir ensinamentos valiosos por meio da visão de mundo de uma singela criança que em meio às mazelas da sociedade mostra-se indiferente e busca pela mudança de um mundo melhor. A criança em questão é Tistu, personagem principal, um menino pequeno que possuía oito anos, mas que, apesar de sua idade e tamanho, era dotado de uma enorme sabedoria que surpreendia a todos os que tinham o prazer de conhecê-lo. A personagem é movida por sentimentos próprios de bondade que a faz interceder com seu dom especial de fazer florescer, com seu pequeno polegar, tudo o que tocava, propondo a reflexão ao leitor sobre como suas pequenas atitudes podiam transformar de forma grandiosa a realidade.

A partir da citação acima, podemos trazer uma reflexão sobre a escolha humana, essa escolha está refletida em uma figura chamada Tistu, que tinha diante de si duas situações, uma a fábrica de canhões trazendo diante de si a imagem da guerra/destruição, e a outra, o meio ambiente ensinada pelo Senhor Bigode com a representação da importância da natureza, o verde, a vida.

Tistu é sem sombra de dúvidas uma figura de cada um de nós, tanto do passado, quanto do presente, das escolhas que podemos fazer, do bem e do mal que podemos praticar através das nossas próprias atitudes, afinal o que queremos? Promover mais uma guerra e proporcionar uma destruição em massa? Ou plantar novas árvores, para que a vida possa florescer com o seu verde?

Afinal o que queremos? Natureza e vida dos jardins do Senhor Bigode, ou, cinza e fumaça, da fábrica de canhões do pai de Tistu, em que o Senhor dos Canhões é o gerente? São duas escolhas e dois tutores, e Tistu, que somos nós, na qualidade de homens e mulheres, estamos no meio dessa escolha. Pacheco (2012, p. 32) em seu dicionário de valores nos traz uma reflexão necessária sobre toda essa discussão:

> A Terra está doente porque nós estamos doentes. E doente continuará enquanto a nossa maneira de viver for reproduzida nos valores que muitas escolas insistem em transmitir. A racionalidade que prevalece na maioria das práticas escolares augura tempos ainda mais sombrios e de graves conflitos socioambientais. Poder-se-ia pensar que a uma

> escolarização prolongada propiciaria uma maior consciência ambiental, mas isso raramente acontece, por efeito de uma escola distante da vida real.

Diante de tantos conflitos de guerra, com milhares de pessoas mortas e refugiadas, do meio ambiente sendo destruído com queimadas e devastação de florestas, Tistu pode nos ensinar uma lição valiosa, podemos não ter o dedo polegar mágico do menino, mas podemos fazer uma escolha consciente, de que se conservarmos e cuidarmos da natureza teremos vida, entretanto, se optarmos pela guerra estaremos escolhendo a trilha da morte.

3.5 Relato de experiência: O Menino do Dedo Verde

No dia 19 de agosto de 2026, foi realizado o planejamento da aula que seria desenvolvida com a turma do 6º ano do Ensino Fundamental, tendo como objeto de estudo a obra *O Menino do Dedo Verde (1989)*, de Maurice Druon. A atividade foi realizada em grupo, composto por três integrantes. Durante o encontro, realizamos a leitura de alguns trechos da obra e, posteriormente, discutimos e organizamos as estratégias que seriam utilizadas em sala de aula. Nesse momento, foram definidos os encaminhamentos metodológicos, as atividades e as formas de abordagem da obra, com o objetivo de proporcionar aos estudantes uma experiência de leitura significativa e participativa.

No dia 26 de agosto de 2026, foram ministradas duas aulas para a turma do 6º ano. Inicialmente, realizamos uma apresentação em slides sobre a obra O menino do dedo verde, com o propósito de familiarizar os estudantes com o livro. Foram apresentados aspectos como a capa, a organização dos capítulos e algumas informações sobre a narrativa e seu protagonista, Tistu.

Em seguida, foi entregue aos estudantes o capítulo oito da obra para que realizassem a leitura individual. Durante esse momento, foi possível observar diferentes níveis de envolvimento dos alunos com a atividade, uma vez que alguns realizaram a leitura proposta, enquanto outros apresentaram menor participação.

Após a leitura, promovemos um momento de reflexão e diálogo sobre o texto. Os estudantes tiveram a oportunidade de compartilhar suas interpretações e impressões acerca do capítulo. Posteriormente, realizamos uma explicação sobre a trajetória de Tistu, desde o seu nascimento até o momento em que ele transforma a cadeia em um belo jardim. Destacamos que o protagonista é apresentado como uma criança diferente das demais, capaz de transformar

situações consideradas negativas em possibilidades de esperança e beleza. Enquanto seu pai, de maneira indireta, estava relacionado à produção de instrumentos de guerra e destruição, Tistu utilizava seu dom para semear flores e promover mudanças positivas nos espaços e na vida das pessoas.

Na etapa final da aula, propusemos uma atividade de produção textual e criativa. Os estudantes foram incentivados a utilizar a imaginação e a criatividade para produzir poemas, reflexões, resumos ou rimas inspirados na obra estudada. Foi disponibilizado um período para que desenvolvessem suas produções de forma autônoma, de acordo com suas preferências e possibilidades.

A atividade possibilitou observar diferentes formas de interpretação e expressão dos estudantes. Alguns optaram pela produção de reflexões, outros elaboraram resumos da narrativa, enquanto alguns produziram poemas e rimas. Dessa forma, a experiência contribuiu para estimular a leitura, a interpretação textual, a criatividade e a expressão escrita dos alunos, além de proporcionar aos bolsistas do PIBID uma vivência significativa relacionada ao planejamento e à prática docente.

4 METODOLOGIA

O presente trabalho, em relação à sua abordagem qualitativa, que segundo Oliveira (2011, p. 24) “O uso da descrição qualitativa procura captar não só a aparência do fenômeno como também suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as consequências.” Ou seja, a pesquisa qualitativa tem como objetivo, por meio das obras selecionadas para a leitura e suas análises, compreender como as interações sociais que acontecem entre os personagens das obras lidas e como elas se dão das mais diversas formas, no caso do nosso estudo, por meio dos livros e artigos selecionados e dos dois livros principais para a análise do estudo, sendo eles, *A Bolsa Amarela* (1993) de Ligya Bojunga e *O Menino do Dedo Verde* (1989) de Maurice Druon.

Já em relação ao procedimento de coleta de dados, a pesquisa será bibliográfica que segundo Prodanov (2013, p. 54) se dá “[...] quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins [...]”. Assim, a pesquisa bibliográfica permite com que o pesquisador se debruce

sobre o conhecimento já divulgado por outros autores, a fim de, se aprofundar sobre o tema pesquisado e, analisar a interpretação e a visão de cada autor sobre o problema de pesquisa.

No que diz respeito à natureza, a pesquisa é classificada como básica, que conforme Prodanov (2013, p. 51) "[...] objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais." Envolvendo principalmente Linguística, Letras e Artes, Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas.

Assim, com base em Cândido (2006), Freire (1996), Pacheco (2012), Silveira (2017), dentre outros autores, é que serão analisas as obras *A Bolsa Amarela* de Lygia Bojunga (1993) e, *O Menino do Dedo Verde* de Maurice Druon (1989), com o objetivo de compreender a importância da leitura literária para a abordagem de temas complexos da atualidade, como a condição feminina na sociedade e, sobre a guerra e o meio ambiente, a fim de desenvolver o pensamento crítico, e discernir por meio da leitura e seus personagens a realidade social.

4 Resultados e Discussão

A leitura é um ato de coragem, pois ela nos permite descobrir um mundo que, na maioria das vezes vai além daquilo que pensamos, ao abrirmos o livro, nos deparamos com mundos diferentes, mundos esses que são representados em cada personagem.

É interessante analisar que, por mais que os personagens de cada livro possam agir e pensarem de forma totalmente diferentes uns dos outros, mesmo assim cada um representa um pensamento e uma história de vida, e cada história de vivência dessas, está de forma direta refletida no mundo real em que vivemos, o personagem pode ser fictício, entretanto, o seu modo de agir, de pensar, de falar, sempre diz respeito a algum de nós dentro na vida real.

Santos (2025, p. 49) nos fala sobre essa relação entre literatura e realidade:

> Em um mundo subjetivo, a relação entre o que é verdadeiro e o que é falso muda na historiografia, pois essas duas instâncias não são necessariamente antagônicas. O real e o ficcional podem ser aliados na medida que a narrativa ficcional, erigida pela literatura, também fala de algo verdadeiro, à sua própria maneira. Embora a literatura trate do ficcional, portanto, sem pretensões com a verdade e a história do não ficcional, ambas falam do mundo, anunciam percepções e podem mudar a realidade social, por isso elas dialogam entre si.

Independentemente de qual seja o gênero literário, entre as personagens e o leitor existe uma palavra essencial, palavra essa que é chamada de diálogo, diálogo é uma conversa, uma comunicação, é uma fala entre duas ou mais pessoas, no nosso caso, a leitura, uma interlocução entre a pessoa do leitor e a personagem da história.

Enquanto a personagem da obra é uma figura morta com o livro fechado, quando este se abre passa a ter vida na existência do leitor, e é a partir daí, que a literatura passa a ter vida, onde cada personagem desempenha uma função existencial na mente e no processo de imaginação daquele que lê, pois é como diz Santos (2025) de que, a leitura é uma associação com o mundo, expressando assim de diversas formas, visões de mundo, projetos, vontades pessoais e coletivas.

A partir deste pensamento, podemos fazer uma análise de dados da nossa pesquisa. Dentro daquilo que desenvolvemos, analisamos duas obras importantes, *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga, escrita em 1976 e, *O Menino do Dedo Verde*, de Maurice Druon, de 1957.

Primeiro, as duas obras, *A Bolsa Amarela* (1993) de Lygia Bojunga e O *Menino do Dedo Verde* (1989) de Maurice Druon, dialogam entre si, não pelo fato de contarem a mesma história, ou dos seus autores se conhecerem, mas pela simples questão dos problemas humanos. Raquel, a menina de 10 anos, enfrenta o problema de menina e mulher, de querer expressar-se e ser reprimida por uma sociedade que ainda restringe a figura feminina, já Tistu, o menino de 8 anos, livre, porém, com as escolhas de transformar o mundo com seu dedo polegar mágico verde, ou herdar e dar apoio à fábrica de canhões do pai.

Menina e menino, mulher e homem, 10 e 8 anos, ela representa sobre a condição feminina na sociedade, sobre a guerra e o meio ambiente. Gênero feminino, guerra, meio ambiente, são temas complexos da sociedade. E dentro desses temas complexos, a análise de tudo o que escrevemos nos permite falar sobre a leitura literária, a partir das duas obras analisadas na pesquisa.

Sobre leitura literária Lourenço (2025, p. 5, 6) nos diz:

> A compreensão da leitura literária como prática de emancipação exige o estabelecimento de um arcabouço teórico que articule concepções sobre literatura, educação e formação crítica. A literatura não constitui repositório de valores universais abstratos ou ornamento cultural dispensável, mas forma específica de conhecimento que possibilita o alargamento da experiência humana, a problematização de certezas naturalizadas e o desenvolvimento da imaginação moral.

A partir desta compreensão sobre leitura literária, podemos analisar que esta, não tem apenas a função de fazer com que o indivíduo se aproxime da leitura, mas que, além de ler, possa compreendê-la e, a partir dessa compreensão, ter um pensamento crítico sobre a realidade. Esse pensamento crítico sobre a realidade, está amplamente ligado às obras que aqui analisamos em *A Bolsa Amarela* (1993) de Lygia Bojunga e o *Menino do Dedo Verde* (1989) de Maurice Druon.

Estes dois livros nos trazem uma compreensão sobre a realidade em que vivemos, na menina Raquel lemos e vemos a figura da mulher representada em uma criança, que mesmo ainda com 10 anos, podemos ver refletida nela a mulher sem liberdade, sem vez de falar, sem lugar de voz, e ainda amordaçada em muitos aspectos sociais, como por exemplo a questão de salários iguais.

Já o menino Tistu, com seus 8 anos, traz em si uma reflexão essencial para dois assuntos que bombardeiam os nossos dias, a guerra e o meio ambiente, quantas vidas estamos perdendo para a guerras Irã x Israel, Rússia x Ucrânia, isso sem falar da guerra contra as drogas, e paralelo a isso, vemos a natureza sendo destruída com investimentos em armas em vez da plantação de árvores.

Estes são dois exemplos práticos que, a leitura literária pode provocar naquele que busca não apenas conhecer uma literatura, mas compreender o que o autor e os personagens querem nos falar nas entrelinhas das palavras e das frases escritas no livro, e isso podemos observar nas obras de Lygia Bojunga e Maurice Druon. São dois exemplos práticos de que a leitura literária é também uma forma do aluno se aprofundar na leitura e, não ser apenas um leitor, mas aquele que lê e por meio desta possa compreender e discernir os problemas sociais que afligem a sociedade.

Isso permite com que o aluno possa ser um cidadão crítico, e tenha um olhar sensível sobre os temas complexos da sociedade, conforme podemos ver no que nos diz a Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 9, 10) especificamente na primeira e décima competência:

Competências Gerais da Educação Básica

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

BRASIL. Base Nacional Comum Currícular. Brasília: MEC, 2017.

A partir da compreensão das duas competências, podemos ver que, a leitura literária, pode fazer com com que o aluno, possa ampliar seu conhecimento, e que este conhecer passa não apenas por saber a letra em si, mas discernir o que está por trás dela.

Isso nos leva ao pensamento de Freire (1996, p. 27):

> A invenção da existência envolve, repita-se, necessariamente, a linguagem, a cultura, a comunicação em níveis mais profundos e complexos do que o que ocorria e ocorre no domínio da vida, a "espiritualização" do mundo, a possibilidade de embelezar como de enfear o mundo e tudo isso inscreveria mulheres e homens como seres éticos. Capazes de intervir no mundo, de comparar, de ajuizar, de decidir, de romper, de escolher, capazes de grandes ações, de dignificantes testemunhos, mas capazes também de impensáveis exemplos de baixeza e de indignidade.

Esse pensamento envolve dentre muitos aspectos a literatura, em que nelas estão ligadas como o próprio patrono da educação brasileira diz, a comunicação, a linguagem e a cultura, nestes sem dúvidas está o livro e a sua capacidade por meio da leitura literária de proporcionar a leitura em uma experiência de vida, como bem afirma Pugens (2019), colocando dentro da caminhada da existência uma relação dialógica que envolva o sujeito e o mundo, e é isso que enxergamos nas obras de Lygia Bojunga *A Bolsa Amarela* (1993) e *O Menino do Dedo Verde* (1989) de Maurice Druon.

5 Conclusão

O ato de ler não passa apenas por soletrar as palavras de forma correta e de acordo com a ortografia, ler é um ato muito mais profundo, que significa compreender o que está por traz daquilo que está escrito, é discernir o papel de cada personagem dos livros e buscar entender, o que eles representam em um mundo real, para que a leitura possa fazer sentido e trazer ensinos para a vida.

A proposta do trabalho foi dada com base no que falamos acima, uma leitura que pudesse trazer discernimento e, o compreender sobre a realidade da vida e os porquês da existência, foi por isso que durante a escrita procuramos destacar sobre a contribuição da leitura literária, e de como ela, pode ajudar o leitor no processo de compreensão sobre abordagens de temas complexos.

Esses temas complexos que trabalhamos no artigo, foram embasados em dois pontos, sendo eles: a condição feminina na sociedade e, sobre a guerra e o meio ambiente. Todos eles sendo investigados por meio das obras " A *Bolsa Amarela"* (1993) de Ligya Bojunga e *O Menino do Dedo Verde* (1989) de Maurice Druon.

A leitura desses dois livros, nos permitiu compreender que, eles nos trazem ensinos essenciais para a vida, baseados em vários princípios, principalmente no direito das mulheres e o que elas sofrem socialmente, colocando-se aí a condição feminina na sociedade e, as escolhas da humanidade diante de dois temas sensíveis e importantes, que são a guerra e o meio ambiente.

A leitura dessas duas obras, trabalhando como ponto central a leitura literária para compreender sobre a condição feminina na sociedade, e acerca da guerra e do meio ambiente, nos permitiu responder à nossa questão problema e, descrever sobre cada um dos objetivos propostos.

Isso se deu, porque os personagens dos livros, a menina Raquel e o menino Tistu, são figuras, que mesmo dentro de histórias fictícias, traz uma representação real da realidade do momento em que as obras foram escritas e, principalmente dos problemas que vivemos no nosso tempo, envolvendo o gênero feminino e suas lutas, e as problemáticas que os homens sofrem na questão da destruição do meio ambiente e das guerras.

Assim o trabalho alcançou a sua proposta, entretanto isso não significa que a pesquisa deve parar por aqui, pelo contrário, fica aberta a temática, para que aqueles que se interessam pelos problemas do nosso tempo possam se debruçar sobre ela e aprofundar ainda mais sobre o assunto enriquecendo-o.

Referências

ACADEMIA GOIANIENSE DE LETRAS. **Língua Portuguesa e Literatura.** Artigo ano 2026. Disponível em: https://academiagoianiense.org.br/lingua-portuguesa-e-literatura/. Acesso em: out/2026.

BERNADETE. **A Bolsa Amarela, Lygia Bojunga.** Artigo dezembro de 2024. Disponível em: https://bernalizareli.blogspot.com/search?q=bolsa+amarela. Acesso em: out/2026.

BOJUNGA, Lygia. **a bolsa amarela.** 22. ed. Rio de Janeiro - RJ: editora agir, 1993.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: https://cdn.mec.gov.br/basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: out/2026.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura.** In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

COUTO, Francielle. **Biografia**: Maurice Druon. Artigo julho de 2011. Disponível em: https://universoliterario.blogspot.com/2011/07/maurice-druon.html. Acesso em: out/2026.

DESCARTES, René. **Discurso do método:** regras para a direção do espírito. São Paulo: Martim Claret, 2007.

DRUON, Maurice. **O menino do dedo verde.** São Paulo – SP: Ed. José Olympio, 1989.

ÉBOLI, Luciana. Raquel e o percurso do herói em A bolsa amarela. **Letrônica, v. 1, n. 1, p. 200 - 214, outubro 2008. Disponível em:** https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/4215. Acesso em: out/2026.

FIGUEIREDO, Annie Tarsis de Morais. QUEIROZ, Mylena de Lima. Mudar o mundo com um toque: a personagem que conscientiza em o menino do dedo verde. **IV Encontro Nacional de Literatura Infanto-Juvenil e Ensino - ENLIJE, 29 a 31 de agosto de 2011.**

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf. Acesso em: out/2026.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999. Disponível em: https://kbook.com.br/wp-content/files_mf/adescobertadomundo.pdf. Acesso em: out/2026.

LOURENÇO, Luciane Macedo. Leitura literária como prática de emancipação: a formação do leitor crítico na escola pública. **Anais Eventos, dez/2025**. Disponível em: https://anaiseventosbr.com/ae/pt_BR/article/view/225/227. Acesso em: out/2026.

MARINHO, José Ignacio Ribeiro. Construindo o Eu: A Bolsa Amarela, de Lygia Bojunga, e a construção da identidade por meio da literatura. **Sapiens, v. 7, n. 2 - jul./dez. 2025 – p. 60-73, Carangola (MG).**

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica:** um manual para a realização de pesquisas em Administração. Catalão: UFG, 2011. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf. Acesso em: out/2026.

OLIVEIRA, Eloisa da Rosa. CAETANO, Jésca Goulart. Infância: reflexões sobre a Bolsa Amarela de lygia Bojunga. **Revista Linguagem, Ensino e Educação, Criciúma, v. 2, n. 1, jul/dez. 2017.** Disponível em: https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/lendu/article/view/3570/3856. Acesso em: out/2026.

PACHECO, José. **Dicionário de valores**. 1. ed. São Paulo: Edições SM, 2012.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf. Acesso em: out/2026.

PUGENS, Natália de Borba. **A Pedagogia dialógica em Paulo Freire:** dispersões na era digital. São Paulo – SP: Pimenta cultural: 2019. Disponível em: https://svr-net20.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/2782/1/econte.pdf. Acesso em: ouy/2026.

SANTOS, Raimundo Lima dos. A história, a literatura e o real. **Fênix - Revista De História E Estudos Culturais, jan/jun 2025, vol 22, ano 22.** Disponível em: https://revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/1463/1179. Acesso em: out/2026.

SILVEIRA, Lucas Bitencourt. Crianças entre flores e guerras. **III Seminário Científico da FACIG – 09 e 10 de novembro de 2017 e II Jornada de Iniciação Científica**. Disponível em: https://pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/semiariocientifico/article/view/388/322. Acesso em: out/2026.

SOARES, Kássio Roberto Brito; CLEMENTE, Vanessa Maria da Silva; PONTES, Verônica Maria de Araújo. A educação literária em uma perspectiva sócio-crítica de Paulo Freire: ler para humanizar. **Boletim de Conjuntura, ano VI, volume 20, nº 60, Boa Vista, 2024.** Disponível em: https://revistaboletimconjuntura.com.br/boca/pt_BR/article/view/6306/1346. Acesso em: out/2026.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.